

Voz e Verso: Um poema lido e escrito de Blas de Otero

Raphael Boccardo¹

Universidade de São Paulo

Página |
10

Resumo

Durante seu exílio, Blas de Otero, poeta espanhol e comunista, escreveu uma série de poemas que tratavam sobre seus ideais políticos e a situação social pela qual passava Espanha na época franquista, na década de 1960. Um desses poemas, “Poesía y Palabra”, foi gravado pela voz do próprio Blas de Otero, tornando-se um marco para sua carreira. A relação entre oralidade e poema escrito é significativa, principalmente em um contexto de exílio, em que o silêncio no franquismo imperava em todas as mídias.

Palavras-chave

Poesia. Voz. Blas de Otero. Pós-Guerra Civil Espanhola.

“Esta lectura que voy a ofrecerles a ustedes será breve”
Blas de Otero em Cuba

Após uma longa passagem pelo bloco socialista nos anos 1960, Blas de Otero, apoiado pelo PCE (Partido Comunista Espanhol), desejava retornar ao seu país natal, Espanha, para tratar de sua saúde já deteriorada durante os anos anteriores. Em 1969, então, seu avião saiu de Moscou para pousar em Madrid. Chegando à Espanha, Sainz, um chefe de polícia temido da Brigada Político-Social franquista de Bilbao, é a primeira pessoa a recepcionar o poeta na chegada ao país (BAYO, 1968, p. 181). No passaporte de Blas de

¹ Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo (2013) e mestrado em Letras (Língua Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americ.) pela Universidade de São Paulo (2018). Atualmente faz Doutorado sobre Blas de Otero e o Exílio pela Universidade de São Paulo (2022). Também é tradutor e criador de conteúdo para o canal de literatura Irene no Céu.

Otero constavam suas viagens para China, União Soviética e Cuba, financiadas pelo próprio PCE, partido proibido no franquismo. O olhar ameaçador do policial Sainz diante de um lacônico passageiro não parecia assustá-lo: “Asustarme a mí con el silencio?”, respondeu Blas de Otero de forma irônica após um longo período de silêncio entre os dois. Certo tempo depois, Sainz acabou por liberá-lo² com uma condição: que não escrevesse nada contra o *Movimiento Nacional*. O retorno à Espanha aconteceu da mesma forma do dia do exílio de Blas de Otero na década de 1950: através do silenciamento da voz.

Em 1970, Blas de Otero já era um poeta com grande prestígio entre seus colegas. Com diversas obras publicadas, poucas na Espanha devido à censura, sua larga produção de sonetos e poesias foi radicalmente transformada após os anos exilados na década de 1950 e 1960. Agora instalado em Madrid, e seis anos de sua última publicação, *Que trata de España* (1964), em Paris, Blas de Otero volta a escrever neste período. Para refletir seu passado, tanto sua vida como obra, o poeta decide produzir uma obra autobiográfica, mas de forma em que só Blas de Otero conseguia escrever: poeticamente.

A obra *Historias fingidas y verdaderas* (1970), com um título irônico que percorre uma linha fina entre ficção e realidade, é escrita de forma bastante rápida, em menos de 1 ano. Trazendo em sua memória os acontecimentos históricos do mundo, da Espanha e de si próprio, Blas de Otero anuncia uma nova etapa da forma de sua escrita: a prosa. Porém uma poesia em prosa que abordasse temas como Cuba, China, seu envolvimento com o Partido Comunista, mas também sua relação com a religião, com si próprio e suas enfermidades que o acometeram durante toda sua vida, em uma confluência de tudo o que havia produzido no passado, como alguém no fim de sua vida que decide recapitular sua história completa.

Geoffrey R. Barrow, em um artigo sobre a obra *Historias fingidas y verdaderas*, mostra como esta autobiografia se estruturou: “The lack of serenity is mirrored in this prose style and in an often private symbolism that point to a fragmented and purposeless everyday life and project a disintegrated world picture.” (1975, p. 39). De forma fragmentada e desestruturada, esta obra possui uma voz diferente das que Blas de Otero havia desenvolvido anteriormente: uma voz contínua em prosa, que se desintegra não em versos, mas na própria

² A liberação de Blas de Otero por parte da polícia franquista deu-se principalmente por Blas de Otero ser uma figura pública conhecida internacionalmente: “A esas alturas, Otero representaba una —discreta pero cierta— amenaza para el Régimen, por su proyección internacional, relacionada con sus vínculos con el Partido Comunista y con sus, por esos años, ya numerosas publicaciones en México, Argentina, Francia, Italia, etc. Sin duda, la posible repercusión de cualquier incidente —que habría supuesto una publicidad muy negativa fuera de nuestras fronteras— proporcionó al poeta un cierto grado de inmunidad.” (PERULERO, 2013, p. 322).

leitura do texto. Mas como descobriremos as nuances desta leitura sem ouvirmos em voz alta a recitação dos poemas?

O principal poema em prosa de *Historias fingidas y verdaderas*, “Poesía y palabra” (OTERO, 2013, p. 616), é a culminação do trabalho estético e estrutural que Blas de Otero gostava de imprimir em seus poemas e uma reflexão sobre o próprio ato de escrever:

Poesía y palabra

Sabido es que hay dos tipos de escritura, la hablada y la libresca. Si no se debe escribir como se habla, tampoco resulta conveniente escribir como no se habla. El Góngora de las Soledades nos lleva a los distados de Teresa de Cepeda. Sin ir tan lejos, la palabra necesita respiro, y la imprenta se torna de pronto el alguacil que emprisiona las palabras entre rejas de líneas. Porque el poeta es el juglar o no es nada. Un artesano de lindas jaulas para jilgueros disecados.

El disco, la cinta magnetofónica, la guitarra o la radio y la televisión pueden — podrían: y más la propia voz directa — rescatar al verso de la galera del libro y hacer que las palabras suenen libres, vivas, con dispuesta espontaneidad. Mientras haya en el mundo una palabra cualquiera, habrá poesía. Que los temas son cada día más ricos y acuciantes.

Em um primeiro momento, percebemos este poema em prosa como um texto comum de uma análise teórica sobre os tipos de escrita. Um poema deste, lido em silêncio, não parece nos revelar nada além de uma estrutura sem variações próprias da poesia. E, curiosamente, esta própria ideia dos tipos de escrituras está sendo discutida por Blas de Otero no texto: “Si no se debe escribir como se habla, tampoco resulta conveniente escribir como no se habla” (OTERO, 2013, p. 616). Como diz Giorgio Agamben em “Idea de la Prosa”:

sin duda es poesía aquel desarrollo en el que es posible oponer un límite métrico a un límite sintáctico (todo verso en que el *enjambement* no esté, en la actualidad, presente, será entonces un verso con *enjambement* cero), prosa desarrollo en el que esto no es posible. (1989, p. 21)

A pergunta que temos, então, é: podemos afirmar que “Poesía y palabra” é uma poesia segundo essas definições de Agamben? Ou é somente um texto em prosa teórico sobre a estética poética?

Por sorte, ou por uma intenção deliberada de Blas de Otero (ambas opções, provalvemente), “Poesía y palabra” é um dos poucos poemas em que o poeta gravou sua voz para recitá-lo. É como se ele soubesse que, para que sua prosa pudesse exprimir as estruturas de versos como *enjambement*, era preciso emprestar sua própria voz para definir os ritmos propostos durante a escrita³. A seguir temos o áudio de sua leitura do poema:

³ Áudio encontrado em <https://www.fundacionblasdeotero.org/es/biografia-y-voz-del-poeta-blas-de-otero/>



blas de otero.mp3

No ato de sua voz, percebemos os versos surgindo onde antes, na superfície da escrita silenciosa, não percebíamos seu ritmo. Esta fisicalidade da voz transforma esta prosa em poema:

La diferencia entre texto en acto y voz en acción es la misma que existe entre espacio y tiempo: si el texto poético necesita de un soporte espacial para ser representado en su fisicidad (tipo)gráfica – piénsese en la versificación –, la voz demanda un soporte dinámico que se mueva en la extensión temporal. Es decir, un cierto tiempo durante el cual la voz del que lee – en el caso que nos interesa, del autor – pueda desplegarse vocalizando el poema. En este sentido, se vuelve fundamental la prosodia y el movimiento de la voz. (MISTRORIGO, 2018, p. 17)

Este suporte dinâmico que percebemos na voz de Blas de Otero ao ler “Poesía y Palabra” imprime este movimento que percorre as frases e as transforma em versos. A sentença do poema “El Góngora de las Soledades nos lleva a los distados de Teresa de Cepeda” se versifica na voz do poeta em um *enjambement* que rompe com a frase completa e a transforma em dois versos: “El Góngora de las Soledades/nos lleva a los distados de Teresa de Cepeda”. Sem ter o áudio para nos auxiliar na análise do poema em prosa, não temos, em certa medida, a estrutura do poema a partir da visão do próprio poeta. Ter como componente não só a poesia escrita, mas a voz de Blas de Otero e o período em que foi desenvolvida, após o exílio e seu retorno à Espanha, enriquece a equação da interpretação desta obra.

De forma metalinguística, “Poesía y palabra” discute sobre a diferença da oralidade e a *libresca* na forma impressa na página silenciosa: “Sin ir tan lejos, la palabra necesita respiro, y la imprenta se torna de pronto el alguacil que emprisiona las palabras entre rejas de líneas” (OTERO, 2013, p. 616). A prosa mantém a linha constante e invariável, enquanto que a leitura em voz alta desta mostra um ritmo variável que revela a irregularidade dos versos.

Juan José Lanz, crítico da obra de Blas de Otero, aponta nesta etapa de produção do poeta uma nova aproximação da poesia em relação ao sujeito poético e sua voz. Em seu artigo “La construcción de la voz y del sujeto ético...”, publicado na revista *Ancia* (2003), Juan José Lanz aponta como a oralidade ganha uma importância crucial na produção de Blas de Otero como uma forma de exprimir suas ideias de coletividade e sua busca para “la inmensa mayoría”, ou seja, uma poesia mais próxima do povo e do coletivo:

Así pues, el borrado de los límites entre escritura y oralidad, la transformación del sujeto poético en su “voz”, conlleva en sí mismo la plasmación de un *ethos* social, colectivo, tanto en el proceso de enunciación como en el de recepción: el sujeto diluyéndose en su “voz” se la otorga a la colectividad; fingiendo oralidad facilita el acceso de la mayoría como receptora del poema (JOSÉ LANZ, 2003, p. 47).

O objetivo de Blas de Otero em buscar, através da oralidade, um acesso à maioria, mostra como *Historias fingidas y verdaderas* foi estruturada não só como uma autorreflexão de si, mas como um estabelecimento da conexão entre autor e ouvinte. Neste projeto de sua volta ao exílio, a forma com que esta conexão fosse estabelecida seria mais importante do que a própria temática da obra. Para Gabriel Celaya, em 1965, esta busca para atingir a maioria seria: “considero que el acceso a ‘la inmensa mayoría’ sólo se conseguirá por via oral” (PERULERO, 2014, p. 46). Por isso, não é coincidência que ouviremos pela primeira vez uma gravação de uma recitação de Blas de Otero, pela sua própria voz, somente em *Historias fingidas y verdaderas* na década de 1970.

Segundo Elena Perulero, esta busca pela “inmensa mayoría” por Blas de Otero não estava somente inscrita em seu posicionamento ideológico socialista desta poesia ao coletivo, mas, principalmente, residia na aproximação do poeta com a tradição que remontava à época medieval e ao romancero, nessa herança direta da voz popular do “juglar”:

Blas de Otero quiso que su poesía, lejos de circunscribirse a la coyuntura sociopolítica concreta de la dictadura franquista, se inscribiera en una tradición que se remontaba a la época medieval y al romancero, convirtiéndose así en heredera directa de la voz popular. (PERULERO, 2014, p. 1)

Como diz Laura Scarano no artigo “Reescrituras del cancionero popular en la poesía de Blas de Otero”, esse movimento de apropriação da figura do “juglar”, em sua variante popular, e da variante culta como Gil Vicente e Lope de Vega, faz parte do repertório de Blas de Otero para formar sua própria poética: “Dichos ‘préstamos’ no suponen un mimetismo verbal, sino una consciente asimilación del paradigma oral para fortalecer su proyecto político-discursivo” (SCARANO, 2012, p. 172). A oralidade na escritura parte para a “inmensa mayoría” como forma de superar um suposto afastamento entre autor e ouvinte.

“Porque el poeta es el juglar o no es nada”. Este verso de “Poesía y palabra” é recitado pela voz de Blas de Otero como um ponto central do poema em prosa. Quando ouvimos o áudio, a pausa que em “es el juglar” leva para a culminação da voz que recita o verso de maneira profunda em “no es nada”, seguido por um silêncio longo em comparação aos outros versos. Esta interrupção no ritmo somente é percebida quando ouvimos o poeta.

Na escritura, este verso não se posiciona separadamente do texto e nem mesmo finaliza o parágrafo. Mas para o “juglar”, a projeção da voz é capaz de estruturar de forma *a priori* do significado a estrutura daquilo que está sendo recitado. Segundo Mladen Dolar, em *A Voice and nothing more*: “The voice is the instrument, the vehicle, the medium, and the meaning is the goal” (2006, p. 15), ou seja, o significado depende da expressão da voz, mas esta não depende do significado.

Na tradição do *romancero* da época medieval, a forma com que a voz era emitida era o instrumento e o veículo principais para estabelecer uma conexão mais próxima entre o autor e o ouvinte. Para Blas de Otero, a importância desse instrumento se reflete em *Historias fingidas y verdaderas* através desta exploração da oralidade na estrutura de sua poesia. Como a crítica à obra do poeta basco já apontou, “El interés y la deuda explícita de Otero con la poesía popular ha sido también objeto de distintos estudios, como lo ha sido la intertextualidad, la inserción en sus textos de palabras procedentes de otros textos” (GURRUCHAGA, 2004, p. 89). Porém, pouco se analisou sobre sua voz, ou seja, sobre a recitação em voz alta, como um “juglar” dos poemas desta obra.

Por isso “Poesía y palabra” seja um poema importante nesta obra. Para Blas de Otero, “el disco, la cinta magnetofónica, la guitarra o la radio y la televisión pueden (...) y más la propia voz directa – rescatar al verso de la galera del libro y hacer que las palabras suenen libres, vivas, con dispuesta espontaneidad”. A libertação do som daquilo que é impresso no livro é para Blas de Otero a liberdade da palavra, que pode navegar livremente pela enunciação da voz. Os instrumentos modernos como o rádio são importantes veículos de expressão da modernidade, ao mesmo tempo em que se conecta com algo tão antigo como o *romancero*. A comunicação oral, aquela conexão direta entre locutor e ouvinte, retratava não só a ideologia e política de Blas de Otero no período, mas também sua ideia de poética depois de seu exílio e o retorno à Espanha. O silêncio imposto pela censura franquista nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970 era contraposto por essa oralidade direta com o ouvinte. Como bem resume Laura Scarano:

el poeta puede convertir en voz hablada los versos que escribe, invitándonos a su lectura en voz alta, a la evocación directa de sus intertextos populares, a la activación de esa anónima juglaría que todos llevamos impresa en nuestra memoria cultural. (2012, p. 177)

Uma forma de coletividade e de inclusão, em que Blas de Otero tenta buscar ao compor na forma escrita e depois na recitação em voz alta, gravada em disco, do poema em prosa “Poesía y palabra”.

O estudo da oralidade e da voz de Blas de Otero em *Historia fingidas y verdaderas* ainda é algo inédito para a crítica a sua obra. A importância desta vertente não só contribui de maneira significativa para a última etapa de sua produção, como para suas outras poesias pré-exílio, no exílio, e pós-exílio. Creio que seu aspecto de exilado seja um ponto fundamental para entendermos seus versos e como sua voz surge neste projeto de “la inmensa mayoría”, nesta aproximação com o *romancero* e o “juglar”. Voz e Verso não é uma relação paralela, mas sim uma causa e consequência, na qual a primeira estrutura e constrói a segunda através da projeção de sua expressão no som e espaço, na versificação causada pelo movimento da voz do autor.

Desenvolver esta área de estudo da obra de Blas de Otero é importante para mudar o paradigma de interpretação de seus poemas e contribuir para as outras diversas vertentes que existem na crítica literária à sua produção: “Mientras haya en el mundo una palabra cualquiera, habrá poesía” (OTERO, 2013, p. 616).

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Idea de la Prosa**. Trad. Laura Silvano. Barcelona: Ediciones Península, 1989.
- BARROW, Geoffrey R. A Hidden Paradox: Blas de Otero's Historias Fingidas y Verdaderas. **Hispanófila**, n. 54, p. 39-49, 1975.
- BAYO, Eliseo. Blas de Otero: biografía incompleta» (1968). In: HERNÁNDEZ, Mario; PERULERO, Elena. Una entrevista inédita de Eliseo Bayo a Blas de Otero. **Boletín de la Fundación Federico García Lorca**, n. 43, p. 174-190, 2008.
- DE LA CRUZ, SABINA. Notas Biográficas Tabla Cronológica De La Vida Y Obra De Blas De Otero (1916-1979). **Ancia**, Bilbao, n. 4, Año II, p. 7-74, 2004.
- DE OTERO, Blas. **Obra Completa**. Edición de Sabina de la Cruz con colaboración de Mario Hernández. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2013.
- DOLAR, Mladen. **A Voice and Nothing More**. Cambridge, MA: MIT Press, 2006.
- LANZ, Juan José. La Construcción de la Voz y del Sujeto Ético en la Trilogía social de Blas de Otero. **Ancia**, Bilbao, Año I, p. 28-69, 2003.
- MISTRORIGO, Alessandro *et al.* **Phonodia. La voz de los poetas, uso crítico de sus grabaciones y entrevistas**. Venecia: Edizioni Ca' Foscari, 2018.

MONTEJO GURRUCHAGA, Lucía. Blas de Otero en la Revista Pepales de Son Armadans.

Epos: Revista de Filología, Madrid, n. 20-21, p. 85-99, 2004-2005.

PERULERO PARDO-BALMONTE, Elena. El “Informe Azcárate sobre Blas de Otero”.

Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo, v. 90, p. 297-317, 2014.

———. **La poesía histórica de Blas de Otero**. 2013. Tese (Doutorado). Universidad
Autónoma de Madrid, Madrid, 2013.

SCARANO, Laura. Reescrituras del cancionero popular en la poesía de Blas de Otero.

Letras, n. 65-66, p. 160-179, 2012.

Voice and Verse: A poem read and written by Blas de Otero

Abstract

During his exile, Blas de Otero, a Spanish communist poet, wrote a series of poems that dealt with his political ideals and the social situation that Spain was going through during the period of Franco's dictatorship in 1960s. One of these poems, "Poesía y Palabra", was recorded by the voice of Blas de Otero himself, first time in his career. The relationship between orality and written poem is significant especially in a context of exile, where silence in Franco's dictatorship reigned in all media.

Keywords

Poetry. Voice. Blas de Otero. Post-Spanish Civil War.